

# MICROSCÓPIO

RAUL PILLA

Completamente errôneo é um dos pressupostos, de que partem os remanescentes do presidencialismo para condenar a reforma parlamentarista: ter-se manifestado pelo presidencialismo o eleitorado na eleição da Assembléia Constituinte e não ser lícito, agora, mudar de rumo, sem nova manifestação do eleitorado.

Em verdade, não chegou a ser proposta a questão de regime político, porque a luta se tinha definido, a princípio, em termos muito gerais — ditadura e democracia — e se concentrara, depois, em tórno de duas candidaturas à presidência da República — a do brigadeiro Eduardo Gomes e a do general Eurico Dutra. Isto não obstante, inegável, indisfarçável era já, no país, o abandono do presidencialismo. Ao passo que outróra a generalidade dos partidos se apresentava declaradamente presidencialista e do presidencialismo fazia um dogma político, agora um só, um único partido — o Republicano — mantinha ainda em seu programa o princípio presidencialista; dos demais, dois, pelo menos, professaram o parlamentarismo, e os outros, inclusive os maiores, deixavam aberta a questão. Esta mesma posição veio finalmente a tomar, o ano passado, o Partido Republicano, em memorável convenção realizada em Belo Horizonte; e isto somente em atenção a uma minoria presidencialista, pois a grande maioria dos convencionais optava pelo parlamentarismo. Em suma, ao fazer-se a eleição de 2 de dezembro de 1934, só havia um partido presidencialista no Brasil; e este mesmo, decorridos três anos, deixou de existir como tal.

Não corresponde, pois, à realidade dos fatos a afirmação de que a nação se manifestara pelo presidencialismo, por ocasião das eleições. Muito ao contrário disto, o que se verifica é que ela deixara de ser presidencialista.

Se, da consideração meramente formal dos fatos, se descer ao exame das correntes profundas do pensamento político, verificar-se á que a campanha liberal e a consequente revolução de 1930 foram movimentos essencialmente anti-presidencialista, já que combatiam a hipertrofia do poder executivo. Tivesse havido sinceridade e coerência da parte dos seus mais influentes chefes, e nitidamente parlamentarista teria sido a chamada República Nova.

O movimento parlamentarista vem, pois, há muito, trabalhando a consciência nacional; e, hoje, pode-se dizer sem exagero, que se apossou dela. Disto duvidam os poucos presidencialistas sinceros que ainda existem? Façam um inquérito, à semelhança dos do Instituto Gallup, e hão de verificar que na reforma parlamentarista repousa a derradeira esperança dos cidadãos. 2.18.49